

Ensaio sobre as Razões da “miséria” do Ensino de Filosofia

Eixo temático: Ética e Política na Educação
Antonio Francisco Lopes Dias
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Correio eletrônico: antoniodias@cceca.uespi.br

No Brasil, historicamente, em função de interesses políticos, ideológicos, culturais, o ensino de Filosofia quase sempre esteve ausente dos currículos escolares. A natureza reflexiva e crítica dos saberes filosóficos, em geral, são avaliados como conhecimentos subversivos, contra a ordem social, política, econômica e cultural estabelecidas. Mais recentemente, com o denominado fim da “ditadura militar”, no ano 1985, foram criadas expectativas de que o ensino de Filosofia pudesse vir a ser utilizado como conteúdo escolar para ajudar a desenvolver e fortalecer o pensamento crítico. Neste texto buscamos demonstrar que isto não ocorreu. Sob a forma de *ensaio teórico*, discuto e problematizo sobre um conjunto de razões explicativas do porquê disto não ter ocorrido, isto é, tematizo criticamente acerca dos possíveis determinantes do que estou nomeando de “miséria do Ensino de Filosofia”. Para a composição deste trabalho busquei responder à seguinte indagação: quais são os motivos ou razões da “miséria” do Ensino de Filosofia com as quais me deparei no percurso da minha formação? Para responder a essa questão tomei como base muitas das minhas experiências como estudante e professor de Filosofia na educação básica e no ensino superior, no estado do Piauí, Brasil. Algumas destas experiências estavam anotadas quando de suas vivências, a partir do ano de 1993, na Universidade Federal do Piauí; outras foram trazidas ao presente por meio de um processo de reminiscência da trajetória da minha condição de estudante e professor de Filosofia na educação básica, e atualmente no ensino superior. A partir disso foram elencadas sete razões principais do infortúnio do ensino de Filosofia, a saber: 1) o modelo educativo adotado, ou a Educação-para-o-não-pensar; 2) a “destruição” da infância, ou a “castração” da atitude filosófica na criança; 3) a força do “cientificismo” e pragmatismo, ou a “utilidade” a qualquer preço; 4) os descaminhos da legislação, ou o desamparo legalizado do ensino de Filosofia; 5) o peso da tradição, ou a “traição aos gregos” da gênese da Filosofia; 6) a má formação de professor de Filosofia, ou de como não aprender a ensinar (sobre) a Filosofia e o filosofar; 7) a realidade do professor e do “aluno”, ou o desencontro entre o educador e o educando. O objetivo deste nosso *ensaio* é argumentar para demonstrar que esses motivos, sobretudo em conjunto, mas também separadamente, impactaram e ainda impactam negativamente o processo de aprendizado da Filosofia e do filosofar e, por conseguinte, obstam as condições necessárias para o seu ensinamento profícuo. A consequência das mazelas geradas pelo ensino e aprendizado de Filosofia que temos é o fortalecimento de uma formação educacional e profissional desprovida de criticidade por parte dos estudantes e docentes da Filosofia que atuam na educação básica e na academia. Para mais bem aprofundar o conhecimento sobre as razões da “desventura” do ensino de Filosofia, para mim foi fundamental o diálogo com as teses e argumentos contidas em textos de autores como Cerletti (2009), Gallo, Cornelli e Danelon (2003), Murcho (2002), Obiols (2002), Palácios (2004), dentre outros pensadores que pensam as possíveis causas e efeitos da presença/ausência do ensino/aprendizado de Filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, Filosofar, Ensino de Filosofia, Educação para o Não-Pensar

Referências

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Org.). *Filosofia do ensino de filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MURCHO, Desidério. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. Lisboa: Plátano, 2002.

OBIOLS, Guillermo. *Uma Introdução ao Ensino da Filosofia*. Tradução Sílvio Gallo. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2002.

PALÁCIOS, Gonçalo Armijos. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: Editora da UFG, 2004